

A migração africana provocada pelo Estado Islâmico

African migration provoked by the Islamic State

Mariane Monteiro Costa*
Florença Amorim Cunha Borges**
Sabrina Santos Zeferino***

Resumo

O presente artigo visa entender e discutir em que medidas as políticas públicas feitas pelo Estado Islâmico (EI) e divulgadas por meio da propaganda atraem imigrantes africanos para o grupo. Para isso, explanaremos primeiramente o que é o Estado Islâmico e qual a sua relevância no cenário internacional. Em seguida, discutiremos o papel da propaganda no Estado Islâmico a partir da análise de algumas destas e das políticas públicas do EI. Por fim, traçaremos um perfil dos africanos que imigram para a região estudando as razões deste fenômeno.

Palavras-chave: Estado Islâmico. Propaganda. Migração Internacional. África.

Abstract

This article's goal is to understand and discuss in which ways the Islamic State's public policies, spread through propaganda, attract African immigrants. In order to do that, firstly we explain what is the Islamic State and what is its relevance in the international scenario. Then, we discuss the role of propaganda in the Islamic State by analyzing both the content of their propaganda and their public policies. Last but not least, we draw a profile of the African immigrants that go to the region by studying the reasons of this phenomena.

Key words: Islamic State. Propaganda. International migration. Africa.

* 8º Período do curso de Relações Internacionais, PUC Minas. Contato: marianemonteirocosta@hotmail.com.

** 8º Período do curso de Relações Internacionais, PUC Minas. Contato: floramorimborges@hotmail.com.

*** 8º Período do curso de Relações Internacionais, PUC Minas. Contato: sabrinassantoszeferino@outlook.com.

Introdução

O grupo terrorista Estado Islâmico (EI) ocupa territórios no Iraque e na Síria, e conta com um grande número de combatentes estrangeiros, provenientes de diversos países do mundo. Muitas das pessoas que migram para os territórios da organização são de países da África. Sendo assim, o fenômeno da migração africana para o EI é tão antigo quanto à existência do grupo terrorista, sendo que no início era um fenômeno regional e posteriormente espalhou-se pelo continente.

Tendo em vista que os estudos a respeito de migrantes estrangeiros no EI são normalmente focados em europeus, o presente artigo busca analisar a migração africana para tal grupo terrorista. Para isto, levamos em consideração dados quantitativos destes Estados, além do apelo provocado pela difundida propaganda do EI. Temos como ponto de partida a pergunta: em que medida as políticas do Estado Islâmico atraem migrantes africanos para o seu território? Assumimos como hipótese a ser confirmada ou refutada a ideia de que o Estado Islâmico utiliza a propaganda para oferecer aos imigrantes determinados valores morais e religiosos, além de recursos e bens materiais que não seriam tão facilmente conseguidos em seus países de origem. Deste modo, a propaganda e as promessas feitas por tal grupo levam a população a migrar em busca de uma vida melhor, material ou ideologicamente.

Este estudo busca ir além da explicação proveniente do senso comum de que países com baixa qualidade de vida e com condições econômicas e sociais precárias são os únicos fatores que levam pessoas a imigrarem para o Estado Islâmico, especialmente no que consta a migração africana. Buscamos explicitar os diversos motivos, tanto internos (dos países africanos), quanto externos (vindos do próprio EI), que provocam a larga imigração de africanos para o grupo terrorista. Os dados analisados são de desde a criação do EI até meados do ano de 2016.

Sendo assim, o artigo está dividido em quatro seções além das considerações finais. Primeiramente, começamos explicitando o que é o Estado Islâmico, dando informações gerais importantes para compreender este grupo terrorista, que servirão como base para o trabalho. A segunda seção tratará de como a organização faz uso das redes sociais como forma de difundir sua propaganda para atrair migrantes e recrutar novos voluntários para se junta-

rem à jihad. Em seguida, faremos uma análise das razões que levam milhares de pessoas a migrarem para este território, perpassando por questões de ideologia, materiais e psicológicas. Finalmente, traçamos uma relação entre a migração de países africanos com as causas anteriormente apresentadas para conseguirmos responder à questão proposta.

O Estado Islâmico

O Estado Islâmico (EI) é um grupo radical sunita⁴ que, mesmo tendo ganhado um destaque na mídia há poucos anos, tem origens históricas que datam desde 1999 (FONSECA; LASMAR, 2017). Tal ano é um marco devido ao fato de seu líder naquela época, Ahmad Fadl al-Nazal al-Khalayleh (Abu Musab al-Zarqawi), ter sido libertado após permanecer 5 anos na prisão. Ele estava cumprindo uma sentença de 15 anos por porte de armas e por ser membro do grupo *Bayat al-Iman*, que significa “Juramento de Fidelidade ao Líder de Oração”, uma organização militante fundada em 1992 por um jihad⁵. O lema do grupo desde essa época era de perdurar e se expandir (LISTER, 2014).

Assim que Zarqawi foi solto, ele se mudou para o Afeganistão e entrou em contato com o grupo Al-Qaeda, por querer permissão para a instalação de um campo de treinamento para o seu grupo, inicialmente chamado *Jama'at al-Tawhid wa al-jihad*, que significa Organização do Monoteísmo e Jihad (JTWJ), constituído até então por palestinos e jordanos. Esse grupo obteve atenção internacional na época graças a dois ataques realizados em locais turísticos, em dezembro de 1999. Devido a tais ataques, a Direção Geral de Inteligência da Jordânia forçou o grupo a permanecer escondido por alguns anos (LISTER, 2014).

4. Sunitas e Xiitas compartilham das mesmas crenças islâmicas e também da mesma fé. Porém, existem algumas diferenças muito marcantes, principalmente políticas que tiveram início com a morte do profeta Muhammad, pois era preciso saber quem iria liderar seus seguidores. Diante disso, tinha-se de um lado os sunitas que acreditavam que a posição deveria ser preenchida por um daqueles que eram capazes para tal posição, como Abu Bakr que foi o primeiro califa. Do outro lado existem os xiitas, aos quais acreditam que o sucessor do profeta deveria ser alguém de sua família. Diante disso, eles não reconheciam a autoridade dos líderes islâmicos e assim seguiam os imãs (guias espirituais, sacerdotes, encarregados de dirigir as preces em uma mesquita) pois acreditavam que estes eram escolhidos pelo profeta Maomé. Os sunitas representam a maioria dos islâmicos no mundo e os xiitas formam a maioria da população no Irã, Iraque, Iêmen, Síria e Líbano. (DODGE, 2008).

5. Jihadi é considerado a pessoa que luta pelo islamismo, normalmente de uma forma radical.

Isso durou até março de 2003, quando os Estados Unidos da América (EUA) invadiram o Afeganistão após os ataques de 11 de setembro⁶. Com a invasão, Zarqawi implementou uma base do grupo em Suleimânia, um local alvo dos EUA. Em agosto desse mesmo ano o grupo realizou três ataques, sendo o último um carro bomba que matou o líder espiritual do Conselho Supremo Islâmico do Iraque. Como consequência, Zarqawi viu a oportunidade de o grupo ser visto como defensor da comunidade sunita e, assim, surgiu a vontade de estabelecer um Estado Islâmico. Após isso, até meados de 2004, a maioria dos atentados do grupo era através de ataques suicidas, sequestros e decapitação de reféns estrangeiros. Devido à extensa rede de recrutamento, tal grupo representava um centro jihadista crescente no Iraque. Em setembro de 2004 o líder Zarqawi declara fidelidade à Osama Bin Laden e ao grupo Al-Qaeda, e a partir disso o JTJWJ passou a ser conhecido como Al-Qaeda no Iraque (AQI). De todo modo, o relacionamento entre o líder Zarqawi e o grupo Al-Qaeda estava conturbado devido a brutalidade do AQI (LISTER, 2014).

Em janeiro de 2006 o grupo AQI anunciou a sua união a outros 5 grupos, sendo que os objetivos incluíam uma coalizão para unir e coordenar uma insurgência jihadista no Iraque. Nesse mesmo ano, o líder Zarqawi faleceu e, apesar do receio de alguns membros, isso acabou dando uma força maior para o grupo atingir o objetivo. Após alguns dias foi anunciado um novo líder, Abu Hamza al-Muhajir (Abu Ayyub al-Masri), e 4 meses depois foi anunciada a criação do Estado Islâmico no Iraque (ISI), com uma estrutura muito bem organizada. Nesta época o grupo já era autossuficiente financeiramente, pois conseguia arrecadar fundos com resgates de reféns, extorsão e contrabando de petróleo (LISTER, 2014).

Em 2007, o Movimento *Sahwa*⁷ (em português, despertar) começou a combater o controle territorial do grupo em áreas sunitas do Iraque, contando com apoio dos EUA e forças de segurança locais. O ISI, então, assassinou o líder do movimento Sahwa, o que provocou uma proliferação de grupos inimigos do ISI e os deixou sob pressão no Iraque. No início de 2008 o grupo promoveu grandes reformas estruturais na organização, como a transferência da

6. Dia marcado pelos ataques do grupo Al-Qaeda às Torres Gêmeas em Nova York, nos EUA, e também no Pentágono, sede do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, em Washington. (NATIONAL COMMISSION ON TERRORIST ATTACKS UPON THE UNITED STATES, 2004).

7. É um movimento de resistência.

base para a cidade de Mossul, onde as tensões entre árabes e curdos poderiam ser exploradas. Após as mudanças, em 2010 e 2011, a relação entre os grupos ISI e Al-Qaeda foi enfraquecendo cada vez mais. Nessa época o grupo já oferecia salários maiores do que os do governo e também recrutava os próprios membros do movimento Sahwa e, assim, foi estabelecida novamente a campanha de um Estado islâmico (LISTER, 2014).

Com a Primavera Árabe e a guerra civil na Síria, as operações do grupo foram fortalecidas, assim como a sua base de organização, recuperação e expansão. Diante disso, em 2013 o líder do ISI, Baghdadi, anuncia a instauração do Estado Islâmico do Iraque e da Síria (ISIS). Assim, o ISIS passou a ter um controle maior da população síria e, em 2014, é anunciado o estabelecimento do Califado⁸ (LISTER, 2014).

Embora esta série dramática e coreografada tenha aparecido para atrair apoio considerável entre uma nova geração de jovens potencialmente jihadistas em todo o mundo, a declaração de um califado foi uma medida extremamente ousada, particularmente considerando sua falta de legitimidade legal islâmica⁹ (LISTER, 2014, p.14, tradução nossa).

O estabelecimento do Califado fez com que o ISIS desenvolvesse um sistema organizacional como o de um Estado, que conta inclusive com os 3 poderes (executivo, legislativo e judiciário). O poder executivo do ISIS se divide em três: (a) militar: 3 membros indicados pelo Califa, responsáveis por planejar e supervisionar ações militares e operações; (b) segurança: responsável pela segurança do Califa e por impor algumas ordens, campanhas e decisões judiciais; (c) relações públicas: função de representar e disseminar a ideia do Califa. O poder legislativo inclui de 9 a 11 membros selecionados pelo chefe do Estado Islâmico, responsáveis por supervisionar os negócios do Estado. Por fim, o poder judiciário é aquele com as cortes islâmicas (SHAMIEH; SZENES, 2015).

Mesmo tendo em sua história vários combatentes estrangeiros como voluntários no grupo, o envolvimento destes combatentes é re-

8. Organização política, religiosa e militar de natureza estatal que tem como líder o Califa. Califa é a pessoa com autoridade moral, religiosa e política que pode ser sucessora do profeta. (FONSECA; LASMAR, 2017).

9. While this dramatic and choreographed series appeared to attract considerable support among a new, younger generation of potential jihadis around the world, the declaration of a caliphate was an extremely bold move, particularly considering its lack of Islamic legal legitimacy (LISTER, 2014, p.14).

lativamente recente e o fenômeno se tornou comum após o estabelecimento do califado (FONSECA; LASMAR, 2017). A participação de estrangeiros tem ganhado um grande protagonismo nos atos de violência brutal do grupo, e segundo os autores Fonseca e Lasmar (2017):

A declaração da criação de um Califado nos territórios controlados pelo grupo atraiu idosos, mulheres, adolescentes e até mesmo famílias inteiras que migraram para o autodenominado “Estado Islâmico”. Essas pessoas foram seduzidas pela intenção de participarem e colaborarem com a criação de um Estado “verdadeiramente” islâmico (FONSECA; LASMAR, 2017, p.30).

Com os combatentes estrangeiros vindo das mais diversas nacionalidades, a atuação do grupo a um nível global torna-se mais fácil (FONSECA; LASMAR, 2017). De acordo com relatórios da ONU, até 2015 25 mil pessoas de 100 países haviam migrado para as regiões do Iraque e da Síria comandadas pelo Estado Islâmico (INSTITUTE FOR SECURITY STUDIES, 2015). O então secretário geral da ONU, Ban Ki Moon, afirmou que houve um aumento muito significativo de combatentes e voluntários estrangeiros nos primeiros 9 meses após a proclamação do Califado. Aproximadamente 80% dos combatentes estrangeiros passaram a fazer parte do grupo após a instalação da base na Síria, em maio de 2013 (SCHMID, 2015).

O Papel da Propaganda no Estado Islâmico

Algumas das razões pelas quais os africanos deixam seus países para se unirem ao grupo terrorista Estado Islâmico estão diretamente ligadas ao grupo. Isso devido, principalmente, à sua política propagandística que explora o uso das redes sociais e a atenção da mídia internacional. Através de uma rede de contas e vários departamentos centrais de mídia, o EI teve um desempenho que superou significativamente qualquer outro grupo no Twitter (LISTER, 2014).

O EI libera conteúdos expressivos e de forma coordenada, capaz de alcançar um enorme público e conquistar um número de visualizações impressionantemente grandes. Um exemplo disso é o longa divulgado pelo Estado Islâmico em março de 2017 “*Salil al-Sawarim I*” no site de vídeos *Youtube* que obteve em 24 horas quase 57 mil visualizações. No *Twitter*, dois meses após seu lançamento, este vídeo foi repercutido em um período de 60 horas cerca de 32.313 vezes, o que é uma quantidade altamente relevante. Esta mesma rede

social foi utilizada pelo grupo durante a Copa do Mundo de 2014, em hashtags de alcance mundial como #Brazil2014 e #WC2014, para divulgar seus comunicados e aparecer em todas as pesquisas relacionadas a Copa do Mundo nas redes sociais (LISTER, 2014).

Tal grupo terrorista investe ainda em aplicativos para aparelhos móveis que envia conteúdos oficiais para as contas pessoais dos usuários, como é o caso do aplicativo *Fajr al-Basha'ir* – em português “Alvorada de Boas Novas”. Ademais, tenta-se internacionalizar a organização com um aumento da produção de conteúdo na língua inglesa a partir dos meses de abril e maio de 2014. Esta nova produção tinha como objetivo a promoção da ideia de uma nova vida dentro do Estado Islâmico (LISTER, 2014).

A revista *Dabiq*, por exemplo, era elaborada e publicada em inglês e incorporava alguns sutis mecanismos que poderiam ampliar a base de recrutamento do EI. Na primeira edição de tal revista o foco foi de relembrar aos leitores um artigo bastante conhecido que se opunha a monarquia da Arábia Saudita. Esta oposição é, porém, a base de um dos afiliados mais poderosos (AQAP¹⁰) de outro grupo terrorista: o Al-Qaeda. Sendo assim, acredita-se que esta primeira edição teve como público alvo os apoiadores do AQAP, atraindo-os para apoiar também o EI. Esta estratégia teve sucesso pois, em meados de agosto foram detectados “grupos de guerrilheiros” saindo do AQAP e do AQIM¹¹ para se unir ao Estado Islâmico (LISTER, 2014).

Não só a mídia social atraiu recrutas e a atenção mundial, mas recrutas em potencial também a usaram para coordenar sua chegada à Síria ou ao Iraque, e para garantir a *tazkiyya* (nome que se dá a um tipo de carta de recomendação ou referência). A operação de uma rede coordenada de contas de mídia social interligadas também permitiu que o EI mantivesse mensagens consistentes em vários idiomas (LISTER, 2014).

A Propaganda e as Motivações da Migração para o Estado Islâmico

Dada a eficácia e a magnitude da propaganda feita pelo grupo, é importante analisar também o seu conteúdo, utilizado para atrair e recrutar novos imigrantes. Os acadêmicos classificam a propa-

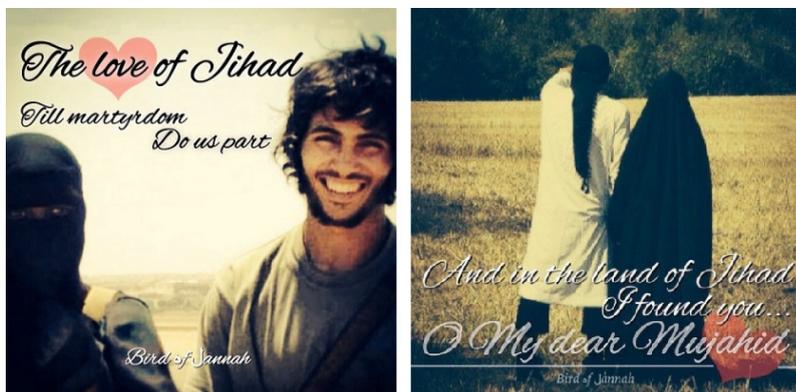
10. Al-Qaeda na Península Arábica, com bases no Iémen. (BARBOSA, 2011).

11. Al-Qaeda no Magreb Islâmico, afiliada ao Al-Qaeda que tem sua base no norte da África. (LISTER, 2014).

ganda veiculada pelo Estado Islâmico como “negra”. Isto significa que ela abrange informações falsas ou meias-verdades, as fontes são ocultadas e as mensagens podem ser questionáveis (ALI, 2015).

Existem propagandas focadas exclusivamente nas mulheres. Nestas, são prometidas uma possível relação amorosa, na qual é esperado das mulheres que criem uma família, sendo que receberiam proteção de seus maridos. Estas são chamadas de “noivas do Estado Islâmico” e, normalmente, decidem migrar para o EI após lerem textos postados em redes sociais por estrangeiras que já aderiram ao movimento. Elas postam fotos com seus maridos, escrevendo textos que retratam suas afirmações sobre o lado romântico de se tornar uma “noiva do EI”, e divulgam a ideia de que conseguiram o marido escolhido para elas por Alá na criação do mundo, conforme a Figura 1 abaixo (SPECKHARD, 2015; SCHROTER, 2015).

Figura 1 – Propagandas do Estado Islâmico voltadas para as mulheres¹²



Fonte: SPECKHARD, 2015.

As jovens são atraídas pela organização por um desejo romântico, através de uma esperança de amor. Romantiza-se a ideia de que, como é costume nas sociedades muçulmanas, as mulheres utilizarem roupas que cobrem todo o seu corpo e até mesmo o rosto, os homens que se casarem com elas as amam por quem elas são e não apenas por sua aparência. Além disso, parte das propagandas mostram mulheres com bens materiais, como carros, o que também estimula a migração feminina para o EI. Estima-se que 10% de

12. Na foto da esquerda o texto diz: “o amor de jihad. Até que o martírio nos separe”. Já na foto da direita diz: “E na terra do jihad eu te encontrei... Meu querido Mujahid (guerreiro islâmico)”.

todos os estrangeiros que entram para a organização são meninas menores de idade ou jovens mulheres (SCHROTER, 2015).

O Estado Islâmico consegue passar ao mundo uma imagem de sucesso e riqueza, o que aumenta o recrutamento de novos combatentes tanto no âmbito local quanto no internacional (LISTER, 2014). Sendo assim, uma das motivações que leva os estrangeiros a adentrarem o EI é primordialmente socioeconômica. Segundo Fonseca e Lasmar (2017), uma parte significativa dos voluntários recrutados para os territórios do grupo é atraída pelas perspectivas de um salário prometido pela luta. Normalmente, estas pessoas não possuem altas expectativas profissionais em seus países de origens e veem na luta religiosa uma forma de renda. Existe uma certa propaganda divulgada pelos membros do EI em sites de perguntas e respostas (como o *Ask.fm*) nos quais detalhes sobre a vida no Califado são expostos: “quanto ganham, que tipo de casa receberam, quais carros dirigem, etc.” (FONSECA; LASMAR, 2017, p. 212).

Estipula-se que os salários dos combatentes do Estado Islâmico variam entre 200 e 500 dólares. Entretanto, para além dos salários, adiciona-se também tudo aquilo que conseguirem recolher das pessoas que moram em áreas que foram tomadas militarmente pelo grupo, tendo, portanto, ganhos materiais consideráveis. Esta pilhagem é legitimada pelo EI por meio de textos sagrados que justificam “a apropriação de bens e propriedades tomados ou abandonados por aqueles que não apoiam a ideologia e objetivos do Califado” (FONSECA; LASMAR, 2017). Inclusive, a quarta edição da revista *Dabiq* traz um artigo bastante aprofundado sobre esta temática (FONSECA; LASMAR, 2017, p. 213).

Além disso, existe uma divulgação de que o Estado Islâmico possui casas confortáveis esperando cada novo migrante que se muda para seu território. Há, ainda, a expectativa de que o novo combatente não tenha que pagar pela eletricidade e pelo gás utilizados em suas casas. O sistema de saúde aparece com frequência nas propagandas por ser, supostamente, de qualidade excelente e com acesso disponível de modo igualitário. Ademais, se o combatente for casado, consegue um pagamento adicional no valor de 50 dólares, bem como se tiver filhos (35 dólares por cada filho) e pais (50 dólares por cada um) vivendo neste mesmo “Estado” (BENDER, 2015; GENERAL INTELLIGENCE AND SECURITY SERVICE, 2016).

Considerando variáveis políticas, outras causas para estrangeiros migrarem para os territórios do Estado Islâmico são a privação

da possibilidade de participar dos processos políticos e a falta de liberdade de expressão e de crença, tudo isso no contexto dos islâmicos sunitas. Esse não é o caso da maioria dos combatentes do EI, embora seja válido destacar devido à existência de pessoas que migram por discriminação do seu grupo religioso e falta de participação política, especialmente quando outro grupo religioso, no caso principalmente xiitas, está no poder no país em questão (BENMELECH; KLOR, 2016).

São incentivos como estes que fazem com que pessoas que estão em situação de vulnerabilidade em seus países de origem resolvam migrar de vez para o Estado Islâmico, situação que ultrapassa a questão religiosa. Além disso, a falha estrutural de alguns Estados africanos que não conseguem proporcionar aos seus cidadãos proteções e garantias são também causas que devem ser consideradas. Dessa forma, as pessoas fazem um cálculo de custo-benefício e se veem atraídas por uma expectativa de melhorar de vida que não seria possível permanecendo em seus Estados e, então, migram em direção ao Estado Islâmico.

A ideologia do grupo islâmico é um ponto importante a ser considerado quando se trata das causas da migração do mundo inteiro para os seus territórios. Esta pode ser relacionada às políticas revolucionárias da Irmandade Muçulmana combinada com conceitos salafistas¹³. Quando articulada com a propaganda, a ideologia do Estado Islâmico é uma grande fonte de atração de novos combatentes para o grupo. Os argumentos utilizados em sua propaganda têm um forte apelo religioso e são construídos tendo em vista a legitimidades das ações que são praticadas (FONSECA; LASMAR, 2017).

Há uma narrativa de divisão no próprio islã: os muçulmanos sunitas seriam os perseguidos, que não gozavam de participação política e vítimas de xiitas e alauítas que supostamente se beneficiariam de um apoio importante de três países: os Estados Unidos, Irã e Israel (FONSECA; LASMAR, 2017). Este argumento está diretamente relacionado a propaganda que põe os muçulmanos como marginalizados e discriminados. “Por muitos anos eles nos trataram como ‘segunda classe’, mesmo que Alá tenha nos dado honra e orientação através do Islã”. Este é uma das várias frases utilizadas na propaganda do EI e passa a ideia de que o Islã é a resposta para encontrar honra quando o status social de alguém não é respeitado

13. Essa doutrina visa a volta das tradições do Profeta Maomé, sendo pretendida a imitação do salaf, ou seja, dos seguidores mais fiéis deste profeta. (DUARTE, 2011).

como deveria ser. O grupo seria então uma forma de fazer justiça em nome de Alá, atraindo pessoas que são normalmente excluídas em seus países de origem (SPECKHARD, 2015).

O EI também utiliza a narrativa religiosa para justificar seus métodos e táticas e, portanto, as pessoas que lutam a favor do grupo acreditam defender uma causa justa e moral, que seria maior que sua própria vida. Eles lutam por aquilo que entendem como correto dentro do meio social no qual estão inseridos. Além disso, fazem uma desconstrução da concepção que se há do que é certo e errado para que suas ações sejam legitimadas. Além disso, usam a ideia apocalíptica de Zarqawi (considerado o maior mártir e fundador do Estado Islâmico) de que o Califado seria a aceleração da batalha final entre infiéis e muçulmanos para aumentar a adesão das pessoas ao grupo, como dever de todos os muçulmanos, bem como as ambições deste (FONSECA; LASMAR, 2017).

Ainda, ao chamar a todas as nacionalidades para se juntar ao novo Califado e tentar provar que as fronteiras estão se desmanchando, o grupo tenta promover a inclusão e difunde a ideia de que este grupo terá como resultado final a dominação mundial (SPECKHARD, 2015). A ideia de que para fazer parte do grupo é preciso apenas migrar fomenta a integração e reafirma a abertura deste. Assim, os combatentes estrangeiros sendo bem recebidos e vistos pelo EI, possuem o desejo de fazer história e acreditam que a luta por esta causa é uma forma de fazê-lo (FONSECA; LASMAR, 2017).

De tal modo, a ideologia, a busca por uma nova identidade e o desejo de fazer história, de forma conjunta, são fatores que contribuem para a migração de novos voluntários para o Estado Islâmico. Assim:

Majoritariamente, os atuais voluntários do Norte da África e Europa acreditam que são parte de um grande movimento histórico que reestabeleceu o Califado Islâmico, e agora devem lutar até a morte, se necessário, para consolidá-lo e expandi-lo em desfavor de apóstatas alauítas e xiitas em Damasco e Bagdá, para então tomar Medina e Meca, Jerusalém e Cairo, dos judeus, regimes sunitas corruptos e poderes estrangeiros que os apoiam. (ATRAN et al. apud FONSECA; LASMAR, 2017, p.229).

Existem também outras causas de migração de pessoas para o EI que estão ligadas a fatores psicológicos. A busca por uma nova identidade é um exemplo disso. As pessoas saem de seus países de origem para se reinventar, ter uma vida nova, como seres livres

para expressar sua fé livremente, o que pode ser difícil em certos países que, em geral, discriminam muçulmanos. Aliado a isso, está a busca de integração em um grupo: muitas vezes, pessoas que são excluídas e marginalizadas em seus países querem se integrar a um grupo que lhes apoiarão e em que possuam a segurança que serão aceitos expressando livremente sua fé. (SPECKHARD, 2015).

Além desses, a procura por aventura também pode ser um combustível que move migrantes, tanto mulheres quanto homens, para o EI. Acredita-se que as pessoas que chegam ao Estado Islâmico, para viver numa sociedade utópica que eles ajudam a construir, estão livres das restrições impostas pelo mundo ocidental. Um exemplo disso está em uma foto veiculada como propaganda, figura 2, de mulheres todas vestidas com um *niqab* completo e com *burkas* segurando rifles, tendo como slogan “o Islã me fez livre”. (SPECKHARD, 2015).

Figura 2 – Noivas do Estado Islâmico com rifles na mão



Fonte: SPECKHARD, 2015.

Fotos postadas nas redes sociais das próprias noivas do EI, mostram como a vida neste grupo é boa para as mulheres, uma vez que elas estão sentadas em uma BMW, carro de luxo. Para os homens, a aventura está em deixar os vídeo games violentos, para se juntar a um jogo da vida real. A morte, assim como nos vídeo games, não deve ser temida. Os soldados do EI revivem, mas a vida após a morte deles é na *jannah*, ou seja, o paraíso islâmico (SPECKHARD, 2015).

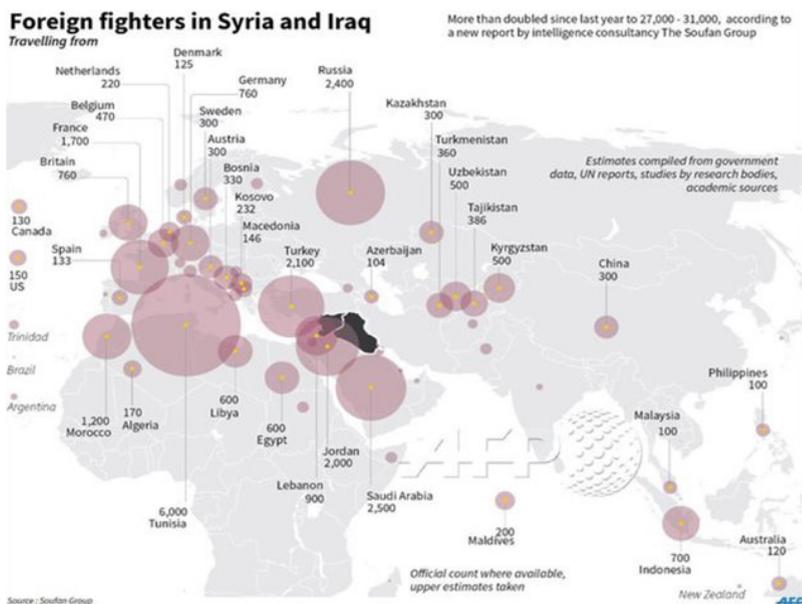
A Migração Africana para o Estado Islâmico

De acordo com relatórios da ONU, até 2015, 25 mil pessoas de 100 países do mundo haviam migrado para as regiões do Iraque e da Síria controladas pelo Estado Islâmico devido a promessas de diferentes tipos feitas pelos recrutadores (INSTITUTE FOR SECURITY STUDIES, 2015). Como exposto anteriormente, há migrantes que acreditam na causa: esses vão por querer lutar ao lado do EI contra a sociedade ocidental e visam implementar um califado islâmico cada vez maior, convertendo pessoas e matando infiéis (LIANG, 2015). Outros são atraídos pela expectativa de uma vida melhor, devido a um salário estável para os homens e o que é denominado por eles como “jihad sexual” para as mulheres, que assumem apenas o papel de esposas dos membros do EI (SALBI, 2015).

A maioria das pessoas que migram para o EI são provenientes de países árabes, sendo o Oriente Médio e os países africanos do Magreb áreas com grande fluxo de migrantes para os territórios controlados pelo grupo terrorista. O norte da África tem longa tradição de participação de indivíduos em jihads violentas e outras formas de extremismo com uso da violência, como homens-bomba. Nessa participação, o recrutamento e as redes de treinamento africanos são, em geral, de característica individual: a motivação a migrar para a Síria e Iraque vem de amigos, familiares ou membros influentes da comunidade (THE SOUFAN GROUP, 2015).

Tal recrutamento não é facilmente rastreado e existem estimativas para calcular o número real de pessoas recrutadas, que normalmente é maior que o oficial. Na África, o fenômeno era, inicialmente, um problema apenas do norte do continente e da região do Magreb, mas a partir de 2015 o fenômeno começou a se espalhar pela África subsaariana. Os países africanos com maior número de migrantes para tornarem-se combatentes do Estado Islâmico, eram, no início de 2016, em ordem decrescente e com números oficiais, a Tunísia, com aproximadamente 6.000 migrantes, seguida por Marrocos com aproximadamente 1.200. Egito e Líbia contaram com cerca de 600 migrantes cada. É extremamente importante destacar que a Tunísia é o país estrangeiro com maior número de migrantes combatentes no EI, superando com larga margem (mais que o dobro de combatentes) o segundo lugar, ocupado pela Arábia Saudita, com 2.400 migrantes (BENMELECH; KLOR apud FLORIDA, 2016). (Figura 3)

Figura 3 - Soldados estrangeiros na Síria e no Iraque



Fonte: THE SOUFAN GROUP, 2015.

Estima-se que os números não oficiais sejam ainda maiores: seriam 7.000 os migrantes tunisianos, 1.500 marroquinos e 1.000 egípcios. Já a Líbia apresenta uma relevância maior que a sua quantidade de recrutados: o país representa uma das principais zonas de trânsito para os soldados que vão e voltam da Síria e do Iraque (THE SOUFAN GROUP, 2015). O regresso desses combatentes representa uma ameaça à estabilidade da região, sendo que o governo da Tunísia chegou a fechar a sua fronteira com a Líbia (WATANABE, 2015).

A partir de 2015, quando o fenômeno começou a se espalhar pela África subsaariana, o Instituto para Estudos de Segurança (ISS) chamou a atenção para o crescente número de pessoas da África do Sul sendo recrutadas. O progressivo recrutamento em um curto período de tempo fez com que estudos analisassem como o governo sul africano deveria responder a essa ameaça. De acordo com o ISS, apenas no início de 2015 foram 140 os sul africanos que migraram como recrutados para as regiões do EI. Também existem relatórios de somalianos realizando essa migração, além de em março de 2015 a organização terrorista nigeriana Boko Ha-

ram¹⁴ prometer fidelidade ao EI, o que, conseqüentemente, aumenta a migração de pessoas da Nigéria para o grupo (INSTITUTE FOR SECURITY STUDIES, 2015).

Pesquisas buscam explicar porque a migração de africanos para o EI é tão expressiva, mesmo se comparada à migração de europeus (frequentemente tidos como um alvo de destaque dos recrutadores). A tese de que países extremamente pobres, com baixa escolaridade e baixo IDH seriam os maiores e mais propensos exportadores de simpatizantes à causa foi, há muito, descartada (BENMELECH; KLOR, 2016).

Basta analisar os dados para ver que a nação estrangeira com maior número de combatentes no Estado Islâmico é a Tunísia, um país de destaque no continente africano em termos de economia e IDH (5º mais alto da África). A Líbia, titular do 4º IDH mais alto do continente também possui um expressivo número de migrantes para o EI, totalizando 600, número próximo ao de migrantes do Egito, que possui o 7º IDH africano mais elevado. O segundo país da África que mais exporta combatentes para o EI é o Marrocos, que possui IDH médio, ocupando a 11ª posição no continente (UNITED NATIONS DEVELOPMENT PROGRAMME, 2016). Esses países passaram anos sendo um importante alicerce para a organização terrorista, enviando altos números de combatentes (além das mulheres e crianças que migram para os territórios ocupados por outros motivos, já explicados nesse artigo), a despeito de condições de vida satisfatórias em seus países de origem.

Tendo em vista que as condições econômicas e socioeconômicas não são os únicos fatores que provocam a migração africana para o EI, deve-se destacar um elemento que é necessário na maioria dos casos: a afinidade ideológica e religiosa. Os combatentes estrangeiros migram para os territórios ocupados pela organização terrorista, em geral, por acreditarem nas mesmas crenças religiosas e políticas (já que os dois pontos são indissociáveis para os membros da organização). Assim, é necessário destacar que o grupo Estado Islâmico é de vertente sunita, o que faz com que seus apoiadores também sigam essa linha ideológica dentro do Islã.

14. Boko Haram é uma seita islâmica extremista, originado na Nigéria. Tal grupo acredita que a política do país foi tomada por falsos e corruptos muçulmanos e, diante disso, trava uma guerra contra o governo buscando criar um estado islâmico ao qual eles chamam de “puro”, através da lei sharia. (WALKER, 2012).

Dentre as quatro nações africanas com maior número de migrantes para o EI, todos são países cuja religião predominante é o Islamismo com vertente ideológica sunita. Nos quatro, mais de 90% da população é sunita e a porcentagem de xiitas é ínfima, sendo frequentemente desconsiderada. Na Tunísia, país líder mundial em combatentes estrangeiros no EI, 99% da população é sunita (UNITED STATES DEPARTMENT OF STATE, 2014). Em Marrocos, os dados são os mesmos: 99%. Os números não variam muito nos países que dividem o terceiro lugar: na Líbia, chega a quase 97% a quantidade de muçulmanos sunitas, enquanto no Egito 90% da população do país também é sunita. (CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY, 2018). Tais dados explicam, em grande medida, a volumosa quantidade de migrantes provenientes desses países que aderem à causa do Estado Islâmico.

Por fim, a razão pela qual a migração africana para a organização terrorista EI é tão expressiva, inclusive mais densa que de países da Europa do Leste, Central e Ocidental, que são vizinhos do grupo, é que o Califado é etnicamente e linguisticamente heterogêneo. Isso faz com que a assimilação dos imigrantes seja mais fácil (BENMELECH; KLOR, 2016), com destaque para os combatentes africanos que falam diversas línguas e são provenientes de tribos étnicas distintas. O respeito pelas pluralidades étnicas e linguísticas dos imigrantes ao mesmo tempo em que o grupo persegue objetivos ideológicos, religiosos e políticos comuns faz com que o apelo do Estado Islâmico para africanos seja tão significativo.

Conclusão

Este artigo mostra que o Estado Islâmico recebeu um número expressivo de migrantes estrangeiros até o início de 2016. Analisamos as causas e motivações que mais frequentemente levam estas pessoas, em especial os africanos, a saírem de seus países de origem para começar uma nova vida em um território que possui uma ideologia utópica de dominar o mundo. Tais causas do êxodo de seus países natais são diversas, variando desde a identificação ideológica com o grupo até a migração por interesses materiais.

A nossa hipótese de que os africanos migram para este território tendo em vista recursos ideológicos, morais e materiais que são oferecidos pelo grupo e que não são facilmente conseguidos em seus países de origem foi confirmada. Vimos que as propagandas do Estado Islâmico contêm um apelo muito forte e conseguem, através

de promessas, convencer as pessoas de que, uma vez que elas se integram ao grupo, elas obtêm uma série de benefícios materiais e melhores condições de vida. Portanto, concluímos que a propaganda feita pelo Estado Islâmico é sim um dos fatores que, aliados com suas políticas de atração material, influenciam na escolha de se mudar para o território e viver sob as leis islâmicas.

Além disso, questões sentimentais e psicológicas são abordadas, especialmente em relação às mulheres, assim como o estímulo a cultivar um sentimento de dar propósito à vida. Para além desses fatores, existem questões de crença em determinada via religiosa, no caso do grupo a vertente sunita. Consideramos também qual é a situação política, ideológica e religiosa do país de origem do migrante, pois se há convergência nesses aspectos a possibilidade de migração é significativamente maior. Por fim, a capacidade do território receptor em assimilar migrantes de diferentes origens também é um fator a ser considerado. Assim, a motivação para a migração pode ser um desses fatores ou uma combinação deles.

No caso da África, o expressivo volume de migrantes é explicado principalmente pelo alinhamento ideológico: os países africanos de onde são provenientes a maioria dos migrantes combatentes do EI são Estados onde mais de 90% da população é sunita. A crença na legitimidade das ações e planos do Estado Islâmico, além das condições de receptividade (tanto material quanto em termos de assimilação) faz com que o número de africanos que migravam para o EI desde o estabelecimento do Califado até o início de 2016, fosse surpreendentemente crescente. Dessa forma, o Califado Islâmico é tido pelos africanos como um lugar que respeita as pluralidades étnicas e linguísticas dos imigrantes ao mesmo tempo em que mantém uma firme unidade ideológica, religiosa e política, tão prezada pelos simpatizantes.

Referências

ALI, Mah-Rukh. **ISIS and Propaganda: How ISIS exploits women.** Reuters Institute for the Study of Journalism, University of Oxford, 2015. Disponível em: <<https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/research/files/Isis%2520and%2520Propaganda-%2520How%2520Isis%2520Exploits%-2520Women.pdf>> Acesso em: 16 maio 2018.

BARBOSA, Pedro Gomes. **Primavera no mundo árabe?** Instituto Luso-Árabe para a Cooperação, 2011. Disponível em: <http://www.ilac.pt/wp-content/uploads/2016/05/PRIMAVERA_NO_MUNDO_ARABE-1.pdf>. Acesso em: 16 maio 2018.

BENDER, Jeremy. **An ISIS defector explained a key reason people continue joining the group.** Business Insider, 18 nov. 2015. Disponível em: <<http://www.businessinsider.com/isis-defector-explains-why-people-continue-joining-group-2015-11>> Acesso em: 26 maio 2018.

BENMELECH, Efraim; KLOR, Esteban. **What explains the flow of foreign fighters to ISIS?** Cambridge: National Bureau of Economic Research. 2016.

CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY (CIA). **The world fact book - Africa.** 2018. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/mo.html>>. Acesso em: 28 maio 2018.

DODGE, Huda. **Sunni-Shia: Brief History.** 2008. Disponível em: <<https://www.islamicity.org/3239/sunni-shia-brief-history/>>. Acesso em: 07 maio 2018.

DUARTE, Felipe Pathé. **Jihadismo global: a (in)coerência de uma estratégia de subversão?** Nação e defesa, n. 128, p. 215-243. 2011.

FLORIDA, Richard. **The Geography of Foreign ISIS Fighters.** City Lab, Agosto 2016. Disponível em: <<https://www.citylab.com/equity/2016/08/foreign-fighters-isis/493622/>>. Acesso em: 08 mar. 2018.

FONSECA, Guilherme Damasceno; LASMAR, Jorge Mascarenhas. **Passaporte para o terror:** os voluntários do Estado Islâmico. Editora Appris, Curitiba, 2017.

GENERAL INTELLIGENCE AND SECURITY SERVICE. **Life with ISIS: the Myth Unravelling.** Ministry of the interior and Kingdom Relations. 2016. Disponível em: <https://english.nctv.nl/binaries/Life%20with%20ISIS%20-%20the%20Myth%20Unravelling_tcm32-90366.pdf> Acesso em: 05 mar. 2018.

INSTITUTE FOR SECURITY STUDIES. **Alarming Reports of ISIS recruiting in South Africa raises urgent questions about government's response to such threat.** Are south Africans soft targets to ISIS recruitment? 15 abr. 2015. Disponível em: <<https://issafrica.org/iss-today/are-south-africans-soft-targets-for-isis-recruitment>>. Acesso em: 06 mar. 2018.

LIANG, Lim Yan. Why are some people attracted to ISIS? **The Straits Times.** nov. 2015. Disponível em: <<http://www.straitstimes.com/world/why-are-some-people-attracted-to-isis>>. Acesso em: 06 mar. 2018.

LISTER, Charles. Profiling the Islamic State. Brookings Doha Center, **Analysis Paper**, n. 13, nov. 2014.

NATIONAL COMMISSION ON TERRORIST ATTACKS UPON THE UNITED STATES. **The 9/11 Commission Report.** Executive Summary. Washington, DC, 2004. Print.

SALBI, Zainab. **What ISIS has done to the lives of women.** World Economic Forum. 17 nov. 2015. Disponível em: <<https://www.weforum.org/agenda/2015/11/what-isis-has-done-to-the-lives-of-women/>>. Acesso em: 06 mar. 2018.

SCHMID, Alex. **Foreign (Terrorist) Fighter Estimates: Conceptual and Data Issues.** 2015. Disponível em: <<https://icct.nl/wp-content/uploads/2015/10/ICCT-Schmid-Foreign-Terrorist-Fighter-Estimates-Conceptual-and-Data-Issues-October20152.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2018.

SCHROTER, Susanne. **Romantismo e crueldade**: a vida das mulheres no Estado Islâmico. DW, 12 fev. 2015. Disponível em: <<http://p.dw.com/p/1Ezi0>> Acesso em: 16 maio 2018.

SHAMIEH, Luna; ZOLTÁN, Szenes. **The Rise of Islamic State of Iraq and Syria (ISIS)**. Disponível em: <<https://folyoiratok.uni-nke.hu/document/uni-nke-hu/aarms-2015-4-shamieh.original.pdf>>. Acesso em: 05 jun. 2018.

SPECKHARD, Anne. The Hypnotic Power of ISIS Imagery in Recruiting Western Youth. **International Center for the Study of Violent Extremism**. out. 2015.

THE SOUFAN GROUP. Foreign fighters: an updated assessment of the flow of foreign fighters into Syria and Iraq. **The Soufan Group**. dez. 2015.

UNITED NATIONS DEVELOPMENT PROGRAMME. **Human Development Reports**. 2016. Disponível em: <<http://hdr.undp.org/en/2015-report>>. Acesso em: 03 maio 2018.

WALKER, Andrew. **What is Boko Haram?**. 2012. Disponível em: <<https://www.usip.org/sites/default/files/SR308.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2018.

WATANABE, Lisa. **Foreign Fighters and Their Return**: Measures Taken by North African Countries. ETH Zurich, 9 nov. 2015. Disponível em: <<http://www.css.ethz.ch/en/services.html>>. Acesso em: 7 jun. 2018.

Recebido em: 06.08.2018

Aprovado em: 20.09.2018